

Cláudio Pereira e Livio Sansone
Organização

**PROJETO UNESCO
NO BRASIL**
Textos Críticos

EDUFBA
Salvador, 2007

©2007, by Autores
Direitos para esta edição cedidos à EDUFBA.
Feito o depósito legal.

Projeto gráfico e capa
Alana Gonçalves de Carvalho

Editoração eletrônica
Genilson Lima Santos

Revisão de texto
Os Autores

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa

Projeto UNESCO no Brasil : textos críticos / Cláudio Luiz Pereira e Livio Sansone,
organização. - Salvador : EDUFBA, 2007.
462 p.

"Este livro é o resultado do Colóquio Internacional Projeto Unesco no Brasil
50 anos depois, realizado de 12 a 14 de janeiro de 2004, em Salvador-BA".
ISBN 978-85-232-0505-8

1. Unesco - História - Brasil - Congressos. 2. Ciências sociais - Brasil - Congressos.
3. Relações raciais - Brasil. 4. Pesquisa social - Brasil. I. Pereira, Cláudio Luiz. II.
Sansone, Livio. III. Universidade Federal da Bahia. IV. Colóquio Internacional Projeto
Unesco 50 anos depois (2004 : Salvador,BA).

CDD - 060

EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina, Salvador-BA
40170-115
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Lembrança do Meu Pai, Charles Wagley

Isabel (Betty) Wagley Kottak*

Não sei bem o que estou fazendo aqui, isto porquê eu não sou socióloga, nem sou antropóloga. Estou aqui por causa de genética é porque tenho convivido nestes 60 anos com a antropologia americana e brasileira. Vou tentar contar um pouco a história do meu pai, e de seu amor para com o Brasil. Também vocês terão que me ajudar com o português, língua que aprendi quando criança, embora minha educação fosse toda em inglês.

Vou começar do começo... Meu pai nasceu no Texas e foi criado no centro dos Estados Unidos, no Missouri, numa cidade chamada Kansas City. Ele veio de uma família humilde e foi a primeira pessoa da família a fazer faculdade. Isto, aliás, sempre foi uma coisa que pesou muito nele. Quando ele acabou a high school, o ginásio, foi trabalhar. Não foi diretamente para a universidade, mas conheceu uma assistente social que o convenceu de que ele era muito inteligente, e que devia entrar na universidade. Ele começou em Oklahoma e gostou tanto do estudo que se deu bem, decidindo-se mudar de universidade fazendo aplicação na Columbia e Harvard. Isso foi durante a depressão nos Estados Unidos.

A Columbia ofereceu-lhe uma bolsa e um trabalho e com isso ele podia se sustentar em Nova Iorque. Assim, quando começou entrando na Columbia, a antropologia era muito importante nesta universidade. Foi uma década que teve significativo desenvolvimento nas questões da antropologia, a Columbia ocupando portanto um lugar central desses estudos.

Ele fez a faculdade, a graduação e pós-graduação, na Columbia, estudando com várias pessoas. Com o Boas, estudou um pouco, porque acho que ele já não era jovem. O chefe da banca dele foi Ralph Linton, Ruth Bunzel e Ruth Benedict fizeram parte da banca dele também.

O primeiro estudo dele foi na Guatemala, o que muito o aproximava de Ruth Bunzel que também tinha trabalhado neste país. Ele escreveu o primeiro livro dele, uma tese de doutorado chamada *Economics of a Guatemala, Village*, e já nesse livro se interessava por economia, vida social e relações de grupos raciais, particularmente entre os índios, os mestiços e aqueles que se definiam como brancos. Ele sempre dizia que não sabia escrever direito em Inglês. Ruth Bunzel reescreveu a tese dele, ajudando-o a escrever bem. Depois, para toda a vida ele teve muito orgulho de escrever claramente. Mais tarde, baseado nesta pesquisa, ele publicou um segundo livro chamado *The Social and Religious Life of a Guatemalan Village*.

Depois do doutorado ele tornou-se um *instructor* na Columbia. *Instructor* é alguém que ensina de ano para ano, não é um emprego permanente. Meu pai queria fazer mais pesquisas de campo como um bom Boasiano.

Assim, ele veio para o Brasil, para fazer um estudo de campo com índios. O Museu Nacional tinha convidado Columbia a mandar jovens antropólogos para fazer estudos junto com o Museu. Essa foi a primeira viagem dele para este país. Alfred Metraux, que estava ensinando na universidade de Yale, deu a ele a idéia de estudar os Tapirapés. Naquele tempo vinha-se de barco em aproximadamente duas semanas. Ele viajou para o Brasil em 1939 com Alfred Metraux, que conversava muito com ele sobre como fazer pesquisa no Brasil. Quando chegou no Brasil ele conheceu muitas pessoas, por exemplo, Heloísa Torres que sempre ajudou ele muito.

Ele passou mais de um ano estudando os Tapirapés. Eu acho que ele ia e voltava, naquele tempo não era fácil chegar nos Tapirapés. Ele passou seis meses que ninguém sabia dele. Heloísa mandou Eduardo Galvão e outros estudantes procura-lo. Foi assim que começou a grande amizade entre Galvão e meu pai.

Posteriormente voltou para a Columbia, para ensinar outra vez como *instructor*. Lá conheceu a Cecília Roxo, que é a minha mãe. Ela tinha vindo

estudar na Columbia. Ela era bibliotecária do Biblioteca Nacional, e veio com bolsa de estudo. Parece que quando meu pai esteve no Rio de Janeiro ele conheceu uma prima dela, já idosa. Esta prima deu a Cecília um bilhete dizendo: “Procure esse professor!” Cecília disse “pensei que ele era um velho, mas alguém me disse que ele era bonito e muito divertido, então fui procurá-lo.” Então começou o namoro e o casamento de Cecília e Chuck, eu acho que isso deu-lhe mais uma razão para gostar do Brasil.

Depois de um ano nos Estados Unidos, os dois voltaram para o Brasil e se casaram. No retorno, meu pai começou a estudar os índios Tenetehara com um grupo dos estudantes do Museu Nacional, entre os quais era Eduardo Galvão. Até este ponto, meu pai era um antropólogo que estudava a vida indígena. Não era propriamente um Brazilianista, mas tinha conhecido muitos brasileiros através da sua pesquisa e viagens.

Como a Segunda Guerra Mundial tinha começado ele ia voltar para os Estados Unidos, mas num avião vindo de Belém ele conheceu um General norte-americano, médico de saúde pública, que vinha para o Brasil para ajudar fundar o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública). Eles conversaram muito, meu pai indicando quem ele deveria procurar. No final da viagem o General disse assim: “Eu quero que você me ajude.” Meu pai acabou ficando cinco anos no Brasil, envolvido no desenvolvimento do SESP. Por isso ele ganhou a Medalha de Guerra e o Cruzeiro do Sul do Brasil. Ele tinha muito orgulho disso, e sempre dizia que foi nesse tempo que ele conheceu muitos brasileiros de todas as profissões: acadêmicos, jornalistas, médicos... Tendo morado em Belém, Fortaleza, e viajado pela Amazônia toda. Mamãe sempre dizia que ela conheceu o Brasil com um americano.

Eu acho que foi neste período que ele conheceu Anísio Teixeira, com quem ele ficou muito amigo. Depois de cinco anos no Brasil, meu pai voltou para Columbia, onde ele ganhou o posto acadêmico do Linton, que tinha deixado Columbia para Yale. Meu pai sempre tinha muito jeito com pessoas. Basta dizer, por exemplo, que a banca dele incluiu Linton e Ruth Benedict; os dois se detestavam. A história é que quando a Benedict morreu primeiro, Linton disse: “Minha mágica é mais forte que a dela”.

Na medida em que se dava muito bem com as pessoas, demonstrando muito jeito, ele foi *chairman* do departamento de antropologia

da Columbia por muitos anos. Ele realmente tinha muita habilidade com todas as personalidades. Se dava tão bem com os homens como com as mulheres. Ele teve duas mulheres na banca dele. Ele quis fortalecer os postos das Ruths (Benedict e Bunzel), ele ajudou Benedict, que era professora-associada, a ficar professora (full professor).

Naquele tempo, nos fins de 40, voltaram da guerra muitos jovens, e outros não tão jovens, que vieram estudar na Columbia, sustentado pelo GI Bill, que era um programa nacional de bolsa de estudo para ex-guerreiros.

De acordo com este programa, um ex-guerreiro tinha o direito de ter uma bolsa de estudo, com toda a faculdade paga. Futuros antropólogos bem conhecidos, como Marvin Harris, Robert Murphy, Elman Service, Sidney Mintz, e Eric Wolf, todos vieram estudar na Columbia pelo GI Bill. O Julian Steward estava ensinando na Columbia também, como meu pai, ele orientou alguns desses (e outros) famosos antropólogos.

Eduardo Galvão veio também fazer a tese dele na Columbia. Papai voltou para o Brasil para estudar o Gurupá (que ele tinha conhecido pelo SESP). O Galvão e sua mulher Clara, e minha mãe, todos ajudaram ele com os estudos de Gurupá, chamado Itá — o sujeito da tese do Galvão.

E eu era criança esse tempo todo, e me lembro do ir e vir para o Brasil. Lembro que o nosso apartamento em Nova Iorque era o centro do Brasil, já que sempre tinha muitos brasileiros. Nós morávamos em Manhattan, perto da Columbia. Sempre tinha muita discussão sobre o quê que se faria para o Brasil e o que não se faria para o Brasil. Eu gostava de escutar a conversa. Eu me lembro do Anísio andando pra lá, pra cá, discutindo.

Porque meu pai decidiu estudar Bahia? Naquele tempo, a antropologia norte-americana estava ficando mais interessada em sociedades complexas e culturas nacionais e modernas. Antropólogos na Columbia como meu pai, Julian Steward, e Conrad Arensberg queriam utilizar o método do *community study* (estudo de comunidade) para estudar sociedades grandes e complexas. No mesmo tempo que meu pai estava colaborando com antropólogos brasileiros para montar um programa de trabalhos de campo na Bahia, o Steward, em colaboração com *Puerto Ricanos*, estava planejando um projeto parecido em Puerto Rico. O projeto do Steward (veja o livro dele *The People of Puerto Rico*) escolheu uma série de comunidades representando histórias ecológicas diferen-

tes. No início, o Chuck queria fazer uma escolha parecida no estado da Bahia: comunidades com histórias diferentes por causa do meio ambiente e economia: uma comunidade mineira (Minas Velhas ou Rio de Contas, onde trabalhou Marvin Harris; Vila Recôncavo ou São Francisco do Conde, estudado pelo Harry William [“Bill”] Hutchinson), e a comunidade sertaneja Monte Serrat ou Monte Santo, onde Ben Zimmerman fez trabalho de campo). (Num estudo independente, Anthony Leeds, estudante do Steward da Columbia, fez trabalhos de campo na região de cacau na Bahia). Era Alfred Metraux, já bem amigo do Chuck que sempre lhe dava conselho excelente, que sugeriu que o projeto também deveria estudar relações raciais. No final o projeto UNESCO realizou dois livros tipo *community study* (os de Harris e Hutchinson) e o livro bem conhecido comparando relações raciais em quatro comunidades, *Race and Class in Rural Brazil*.

Na Bahia, Chuck não fez trabalhos de campo ele mesmo. Ele deixou isso para os três jovens antropólogos norte-americanos e os assistentes deles. Chuck e Dr. Thales de Azevedo facilitaram os contatos e entradas dos estudantes nas comunidades e visitaram eles lá. Para seu capítulo em *Race and Class in Rural Brazil*, Chuck utilizou a pesquisa que ele tinha feito anteriormente em Itá, “uma comunidade Amazônica” descrita no livro dele desse título (*Amazon Town*). Ele hesitou um pouco em fazer isso, porque Itá se localiza fora da Bahia, mas a inclusão de Itá no livro apresentou mais um exemplo da variação importante nos sistemas locais de raça e classe social que se acha no Brasil.

Meu pai também foi atraído a um estudo das relações raciais (comparando os sistemas brasileiros e norte-americanos) por causa da política dele. Eu sei que, politicamente, ele era muito liberal, situava-se um pouco, como pode-se dizer, a esquerda, na medida em que também ele tinha horror do sistema Americano de segregação racial. Ele acreditava que o sistema brasileiro da classificação racial, mais ambíguo e complexo que o sistema norte-americano, não acordava com um sistema de leis capaz de fazer segregação como nos Estados Unidos. Era importante para ele estudar sistemas raciais fora dos Estados Unidos (como no Brasil e na Guatemala) para mostrar que o conceito de raça era um conceito social e não biológico.

O início do fim da segregação formal nos Estados Unidos foi em 1954, no mesmo tempo que o movimento, que eu odeio, chamado *McCarthyism* estava quase acabando. Muitos amigos do meu pai foram chamados como suspeitos no *witch hunt* (caça de bruxa) do McCarthy e seus assistentes. A nossa primeira televisão foi comprada porque meu pai teve malária e queria ver todo o processo que estava passando na televisão. Vários amigos dele perderam emprego, e ele tinha muito medo de ser chamado. Teve um tempo, por exemplo, que ele perdeu o passaporte. Ele mandou renova-lo e não soube porque não foi renovado logo. Esse era um tempo em que os intelectuais nos Estados Unidos estavam com muito medo.

Meu pai era, primeiramente, um professor. Ele acreditava muito na profissão dele e na missão de ser professor, de ser orientador de alunos de pós-graduação, brasileiros e americanos. Ele arranjava dinheiro quando era preciso e ajudava com as teses. Sei que ele editou muito em inglês e ajudou tanto brasileiros quanto americanos. Ele teve mais de 50 doutorados, e muitos ficaram para sempre amigos dele. Um dos melhores amigos dele foi o Marvin Harris que ficou na Columbia e com quem ele colaborou depois.

Eu acho que a vinda para Bahia tinha muito haver com Anísio Teixeira, que papai tinha conhecido antes do projeto baiano, e com quem ele trabalhou depois no Rio, no conhecido Centro do Anísio. O Marvin Harris também voltou para o Brasil depois de ter completado seu doutorado. Veio para trabalhar com Anísio no Rio.

Quando o meu pai veio para Bahia ele e Doutor Thales de Azevedo ficaram muito amigos. As personalidades deles se combinaram muito bem. Meu pai reconheceu em Thales o intelectual que ele era: uma pessoa que queria saber mais sobre antropologia e o estudo da vida social. Meu pai conhecia muito bem a antropologia, ele lia muito e conhecia bem a literatura indígena, não só do Brasil mas da América Latina toda, que ele começou na Guatemala e gostava de ensinar e discutir. Então eu acho que ele e Thales fizeram uma boa relação desde o começo.

Quando o estudo começou na Bahia eu tinha sete anos. Fiquei aqui só um mês. Meu pai chegou bem antes de nós. Minha mãe veio com os filhos depois. Me lembro que visitei o Recôncavo, conheci a família Junqueira Aires, que fazia parte do Recôncavo, e fiquei na fazenda deles.

Meu marido Conrad não foi aluno do meu pai; foi aluno do Marvin Harris. Em 1962, na Bahia, apresentei Conrad aos meus pais. Nos casamos em 1963. Meus pais ficaram muito contentes de eu ter casado com um antropólogo. Então, tenho mais de 60 anos convivendo com antropólogos.

Então, eu acho, era isso que eu tinha para falar.

Nota

* Assistente social.